

AS MULTITERRITORIALIDADES DO JARDIM BOTÂNICO AMÁLIA HERMANO TEIXEIRA

*Dalmo Gomes Silva**

*Márcia Cristina Hizim Pelá***

Resumo: Este artigo tem como objetivo, apresentar as diferentes faces da territorialidade dentro do Jardim Botânico Amália Hermano Teixeira, Goiânia e Aparecida de Goiânia-Goiás, suas múltiplas formas de uso, e apropriação desse espaço e também sua diversidade cultural e de espaço de poder. Dessa forma, compreender sua importância como resistência da natureza no meio urbano, e com isso sua relevância no espaço urbano contemporâneo.

Palavras-chave: Espaço Urbano. Territorialidade. Jardim Botânico.

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos surgiram diferentes formas de uso e apropriação do espaço urbano, e as pesquisas acerca da interação e ocupação dessas áreas mostram que o movimento de apropriação é um dos grandes agentes transformadores. Nessa perspectiva, surge a necessidade de se relacionar o urbano e o espaço geográfico do Cerrado, para obter uma maior compreensão desses novos arranjos espaciais. Os vínculos afetivos com o espaço também contribuem para o processo de se entender essa relação, pois o meio e o homem são indissociáveis.

A paisagem também auxilia nessa compreensão afetiva e de apropriação, pois aguça os sentidos, pois a paisagem para Milton Santos (1988) é “tudo que nós vemos, o que nossa visão alcança” além de tudo o que se sente, ouve, em suma, tudo que se percebe.

A percepção de cada um interfere diretamente na dimensão dessa paisagem, em como ela é compreendida. Estar no alto de um edifício ou caminhar pela rua altera completamente a percepção do indivíduo, além do fato da mesma ser “um processo seletivo de apreensão”

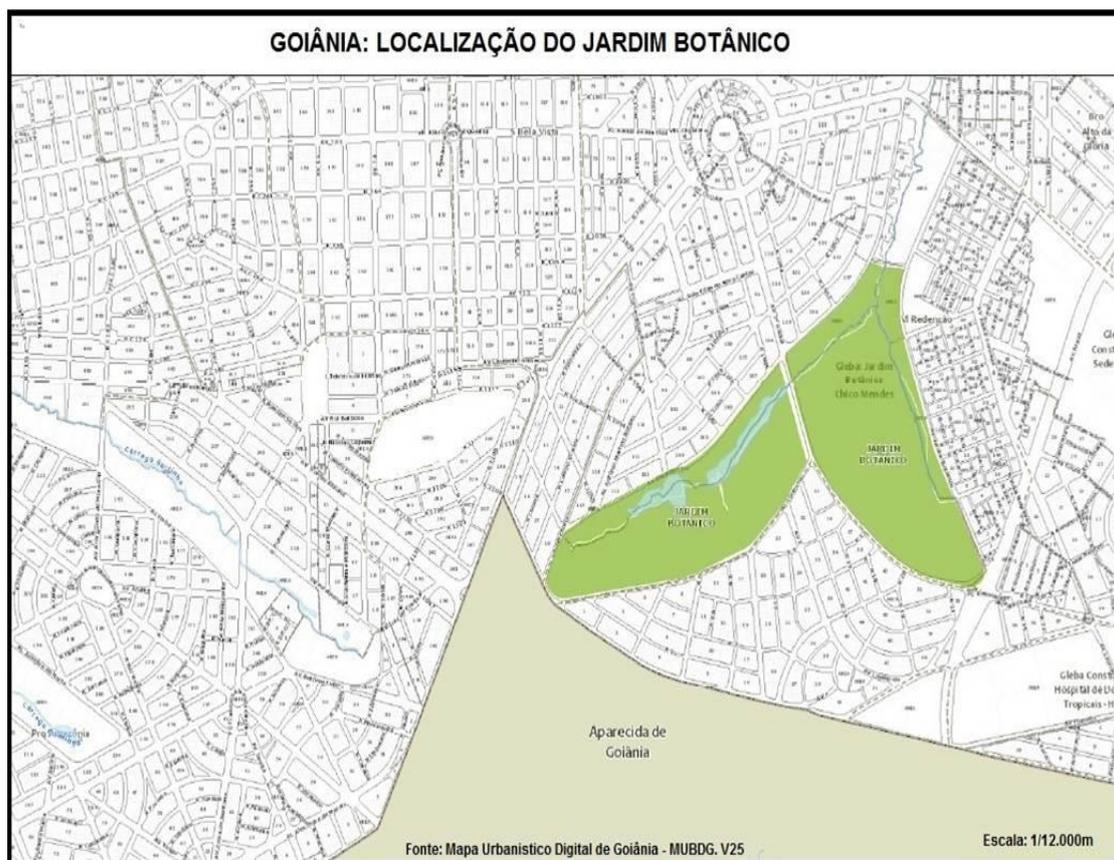
* Professor da rede estadual de ensino e Graduado do curso de Geografia da Faculdade Alfredo Nasser (UNIFAN).

** Professora Doutora da Faculdade Alfredo Nasser (UNIFAN) e Coordenadora do Poli(S)ínteses : grupo transdisciplinar de estudos e pesquisa em educação e cidades.

conforme explica Santos (1988). Segundo o mesmo autor a forma como fomos educados nos leva a diferentes formas de percepção e apropriação do mesmo espaço, o que influencia diretamente nas multiterritorialidades.

A partir desta perspectiva é que se analisará o objeto de estudo desta pesquisa, ou seja, o Jardim Botânico Amália Hermano Teixeira (figura1), que se localiza em Goiânia, mais precisamente no limítrofe entre as cidades de Goiânia e Aparecida de Goiânia.

Figura1: Mapa de Localização do Botânico Amália Hermano Teixeira



Fonte: Dados cartográficos do Google Earth (2017).

Como se pode perceber na imagem acima o Jardim Botânico Amália Hermano Teixeira, além de se localizar em uma extensa área, 1.000.000 m², e estar em uma região completamente urbanizada, também é a maior área verde da cidade de Goiânia. Nele se encontra remanescente de área fechada de mata, com espécies nativas do Cerrado e animais silvestres. Outra questão importante a ser destacada é que, segundo o termo de referência da “Estação Alfredo

Nasser”¹, a sua área abrange a cabeceira do córrego Botafogo e suas diversas nascentes, entre Av. Botânico, Av. Segunda Radial, Al. Jardim Botânico, Av. Antônio de Queiroz Barreto, Al. do Contorno, Av. Bela Vista e R. 1042 no Setor Pedro Ludovico, Vila Redenção, Jardim Santo Antônio e Jardim das Esmeraldas, em Goiânia, divisa com o Município de Aparecida de Goiânia.

Todos esses fatores auxiliam para compreendermos a importância da preservação desta área para a sociedade goiana, bem como, o colocam na condição de museu vivo do remanescente do Cerrado para fins de ensino e pesquisas científicas sobre os recursos florísticos local, regional, nacional e estrangeiro, visando o seu conhecimento e a sua conservação.

Ao longo do trabalho estão questões serão abordadas, agora é importante esclarecer qual o contexto e as funções que essas áreas verdes foram sendo inseridas nas cidades urbanas. Conforme as pesquisas realizadas, a princípio a função dessas áreas (parques) era a de suprir as necessidades das cidades industriais modernas, que surgem com diversos problemas urbanísticos, e alguns urbanistas entendem que esses ambientes vão criar áreas de recreação e também de recuperação de ambientes degradados pela ação humana.

A esse respeito Silva (1974 p. 127) diz,

A cidade industrial moderna, com seu cotejo de problemas, colocou a exigência de áreas verdes, parques e jardins, como elemento urbanístico, não destinado apenas à ornamentação urbana, mas como uma necessidade higiênica, de recreação e mesmo de defesa e recuperação do meio ambiente em face da degradação de agentes poluidores, e elementos de equilíbrio do meio ambiente urbano, de elementos psicológicos de reconstrução da tranquilidade de recomposição dos temperamentos desgastados na faina estressante diária.

Mas afinal qual seria essa necessidade higiênica? E qual a diferença entre parque e Jardim Botânico? Pois bem, essa higienização, seria mais o lazer, descanso da mente, fugir do barulho, da poluição sonora, e visual, que o processo de industrialização impunha ao trabalhador fabril.

Os parques tinham a função de áreas de lazer, e também de preservar parte do bioma, áreas impróprias para a habitação, e também proteger córregos e nascentes. Nesse primeiro momento além de suprir a necessidade de o homem interagir com a natureza, também tinha caráter ambiental. Já a proposta dos Jardins Botânicos, é a da coleção de exemplares da flora,

¹ Termo de cooperação técnica (2015) firmado entre, o município de Goiânia, com a interveniência a Agência Municipal do Meio Ambiente-AMMA, e a Faculdade Alfredo Nasser, sobre a implantação no jardim Botânico Amália Hermano Teixeira, da Estação Alfredo Nasser.

para fins de pesquisas científicas sobre os recursos da flora local, regional, nacional e global com vistas ao conhecimento, e a preservação da biodiversidade, e conseqüentemente a recuperação de áreas degradadas.

Esta função dos parques, como áreas de recreação, preservação de áreas verdes e remanescentes do Cerrado e embelezamento do espaço urbano, pode ser evidenciada na cidade de Goiânia que conta com uma diversidade de parques. Alguns com fragmentos de Cerrado, outros com uma forte presença de plantas da Mata Atlântica, contudo todos fazem parte de uma estratégia de “humanização” da cidade. Como exemplo pode-se citar o Parque Botafogo, na Vila Nova, o Bosque dos Buritis e o Lago das Rosas no Setor Oeste, o Parque Areião, Setor Pedro Ludovico, dentre outros o que dão a Goiânia o título de cidade verde.

Contudo, o Jardim Botânico é único. Único, pela sua sociobiodiversidade e pela sua extensa área de remanescente do Cerrado. Neste sentido, é que essa pesquisa tem por objetivo analisar e compreender as relações humanas com o Jardim Botânico, mais especificamente em sua área 1, que é justamente onde ocorre essa organização com caráter paisagístico e onde possui toda a infraestrutura como uso turístico e contemplativo.

HISTÓRIA E OCUPAÇÃO DO JARDIM BOTÂNICO AMÁLIA HERMANO TEIXEIRA

Para se entender o processo de ocupação, transformação, e territorialização do Jardim Botânico Amália Hermano Teixeira, é necessário fazer uma leitura histórico-geográfica de toda sua transformação e uso nos últimos tempos.

Durante o XXIX o Congresso Nacional de Botânica, e o II Congresso Latino-Americano de Botânica realizados em Brasília e Goiânia, discutiu-se assuntos a respeito do Cerrado como importante fonte botânica para pesquisa e para “coroar” fizeram a inauguração do Jardim Botânico de Goiânia, porém, os primeiros estudos foram realizados em 1976 pela arquiteta Neusa Baiocchi.

Em 1978 o Jardim Botânico foi inaugurado no Setor Pedro Ludovico, em uma área localizada na cabeceira do Córrego Botafogo. Nessa época foram realizadas diversas intervenções no parque, como a criação de lanchonetes, sanitários, portões, delimitação do espaço. Em seguida o Núcleo de recursos Naturais, organizou um grupo de botânicos, geógrafos, paisagistas para organizar a ocupação e apropriação deste espaço.

O Jardim Botânico, neste momento, surgiu também da necessidade do ambiente urbano interagir e se reconectar-se com a natureza, porém moradores do bairro, e principalmente outros vindos de outras regiões que já utilizavam aquele espaço para outros fins, começaram a ocupar este espaço de forma desordenada, e os transformou em algumas pequenas chácaras.

Essa ocupação desordenada provocou mudanças que até hoje podem ser observadas, e uma das principais foi a introdução de plantas exóticas, tanto frutíferas quanto ornamentais. Atualmente, é possível fazer uma análise da ocupação, mesmo que de forma grosseira pois na Área 1, onde é realizada a pesquisa, as plantas exóticas se destacam do Cerrado e mostram um marco espacial bem definido, o que valoriza o espaço no caráter de coleção e variação botânica.

A paisagem artificial é a paisagem transformada pelo homem; grosseiramente, podemos dizer que a paisagem natural é aquela ainda não mudada pelo esforço humano. Se no passado havia a paisagem natural, hoje essa modalidade de paisagem praticamente já não existe. Se um lugar não é fisicamente tocado pela força do homem, ele é, todavia, objeto de preocupações e de intenções econômicas e políticas. (SANTOS, 1988, p. 71).

O autor é claro ao afirmar que o espaço que possui uma interação humana e que de certa forma possua elementos humanizados, mesmo que tenha elementos da natureza, não é um espaço natural, o que é o caso do Jardim Botânico de Goiânia.

Nos discursos acerca de quando chegaram ao bairro há certa identidade com o modo de vida no campo, e ao perguntar como se relaciona com o parque foi possível ouvir que “o vizinho me chama e fala, vem cá, a senhora conhece tudo, me diga que fruta e essa... porque eu conheço tudo, que eu já morei na roça”. Ou seja, há uma relação de pertencimento, e a moradora se sente valorizada por seus conhecimentos populares a respeito da diversidade botânica, mesmo que na forma do senso comum.

Os moradores em sua maioria são migrantes oriundos do êxodo rural e que vem à cidade em busca de trabalho e melhores condições de vida. Fato que contribui para explicar essa necessidade de interagir com a natureza e produzir algum tipo de alimento.

Esse fator auxilia no entendimento de como surgiram as primeiras formas de territorialização com esses moradores limítrofes ao parque e os que moravam em sua borda, e criou-se um cinturão que circundava boa parte do parque. Tem-se ainda os pesquisadores como botânicos, geógrafos, biólogos, dentre outros que começam a pesquisar e tentar entender a dinâmica da área.

É possível notar no paisagismo do Jardim Botânico a influência colonial europeia em sua paisagem, com um gramado extenso e suas palmeiras imperiais, o que mascara a

tortuosidade do Cerrado, e suas árvores caduciformes que perdem suas folhas no período seco, conforme se pode perceber nas imagens da figura 2, que demonstra a influência colonial europeia na paisagem do Jardim Botânico Amália Hermano Teixeira.

Figura 2- Paisagem do Jardim Botânico - Rosas e Palmeiras Imperiais



Fonte: Elaborada pelo autor (2017).

As imagens revelam como a influência colonial europeia ainda é presente na paisagem das nossas cidades. Não só isso, como faz parte de inconsciente coletivo de grandeza e esplendor.

A figura 3, vem para corroborar com esta argumentação ao retratar a paisagem da porta de entrada do Jardim de Botânico, aonde está localizada a sua sede administrativa e os instrumentos urbanos de lazer. Para quem chega ao local a partir do Terminal Izidoria é o que primeiro se avista. Ou seja, as palmeiras imperiais, além de criar uma visão eurocêntrica ao parque, também mascara o remanescente do Cerrado ao fundo. Demonstrando assim como a visão eurocêntrica faz parte da nossa cultura, bem como, como o Cerrado com as suas paisagens e sociobiodiversidade foi desprezados ao longo de décadas.

Figura 3: Entrada Oficial do Jardim Botânico. Destaque para as Palmeiras Imperiais e o Teatro de Arena.



Fonte: Elaborada pelo autor (2017).

Contudo, atualmente, além do Cerrado passar por um processo de valorização imaterial e material, é explorado por várias marcas comerciais, o modo de vida rural, também, passou a ser nos últimos anos um estilo de qualidade de vida. Esses fatores fizeram que a função do Parque passe por uma outra reorganização.

Do mesmo modo, não se pode esquecer, nos últimos anos, de conceitos ecológicos como a sociobiodiversidade o que leva a novas formas de uso e ocupação desse espaço, como por exemplo, os moradores que utilizam o espaço do parque para a coleta de plantas e sementes para uso farmacológico e assim aliam os saberes populares a pesquisas, e também com o consumo de frutos nativos, e exóticos, como jaca, manga, cajazinho do Cerrado, jatobá, jabuticaba dentre outras.

Por tanto, tem-se por objetivo, com essa pesquisa entender as relações humanas com o parque na área 1, que é justamente onde ocorre essa organização com caráter paisagístico e onde possui toda a infraestrutura como uso turístico e contemplativo.

AS DIFERENTES FORMAS DE OCUPAR O MESMO ESPAÇO

Para compreender as diferentes formas de ocupação, é necessário entender o conceito de território e territorialidade, pois só assim será possível apreender de forma totalitária como as relações interferem nos espaços urbanos.

Haesbaert (2004), auxilia nesta compreensão ao dizer que desde a origem o território nasce com uma dupla conotação, material, e simbólica, pois etimologicamente aparece tão próximo de terra, *territorium* quanto de *terreo-terror* (terror aterrorizar), ou seja tem a ver com dominação (jurídico-política) e com a inspiração do terror. Ao mesmo tempo por extensão, pode-se dizer que, para aqueles que têm o privilégio de usufruí-lo, o território inspira a identificação (positiva) e a afetiva “apropriação”. Segundo o mesmo autor ele tem a ver, tanto com o poder como forma mais concreta de apropriação, quanto com o poder no sentido simbólico de apropriação. Fato este que reafirma que o Jardim Botânico possui essa multiterritorialidade, pois nele essas manifestações de ocupação humana, tanto afetiva quanto de apropriação do espaço, permeia o tempo todo as relações de seus frequentadores.

A figura 4, Mapa das Multiterritorialidades do Jardim Botânico Amália Hermano Teixeira, ilustra como um mesmo lugar é apropriado por diferentes grupos sociais. Esse fator nos remete ao entendimento como é imprescindível que a leitura socioespacial dos lugares, territórios, paisagens e demais objetos que compõem o espaço geográfico seja feita a partir do processo de uso e ocupação dos sujeitos sociais. Afinal são eles que o produzem.

A respeito da multiterritorialidade Haesbaert (2004) indica que essa “multi-escalaridade” das práticas socioespaciais implica a vivência de múltiplos “papéis” que “se escreve cada um em migalhas de espaço” descontínuo e multiescalar.

Dessa forma o espaço não precisa de uma escala colossal para abrigar essas múltiplas formas de ocupação, pois depende do papel que ele assume e dos interesses de quem se apropria, independente das práticas socioespaciais.

Uma das principais características do Jardim Botânico de Goiânia é a de ocupação de diferentes grupos urbanos com interesses distintos e práticas de uso do espaço das mais distintas. A relação que o Jardim Botânico tem com os moradores da cidade também pode ser de acolhimento, pois indivíduos expulsos do convívio social e que de certa forma são expulsos do convívio social se apropriam deste espaço, e criam seus territórios, com regras e limites pré - estabelecidos como forma de apropriação, e de estabelecer relações com outros com os mesmos interesses.

Figura 4: Mapa das Multiterritorialidades do Jardim Botânico Amália Hermano Teixeira



Fonte: Elaborada pelo autor (2017).

Pelé e Chaveiro (2010 p. 7) auxiliam nessa asseveração ao dizerem que,

É necessário compreender que existem múltiplas forças que levam a criação dos espaços urbanos e que as formas de apropriações, seu uso e desuso, constituem diferentes territórios. Nesse sentido, o espaço urbano se revela mais que um palco onde se revelam as relações humanas.

Desse modo, se destaca que o Jardim Botânico também tem seu espaço apropriado para outras práticas de uso como o de pesquisas e também educação ambiental ou simplesmente para uma experiência contemplativa. Tendo em vista que seu nome é em homenagem a orquídea, professora, geógrafa, botânica, pesquisadora dentre outras coisas, Amália Hermano Teixeira

O espaço público se transforma em território constantemente disputado por diversos grupos sociais que misturam suas territorialidades na estrutura desse espaço, e constitui elementos sociais que se cristalizam no tempo e no espaço (PELÁ, CHAVEIRO, 2010). A relação dos seres humanos com o espaço público se modifica na medida em que novos interesses surgem, criam disputas e novas territorialidades.

Contudo, não é somente o resquício de Cerrado, lazer, e convivência, que chamam a atenção, mas também pessoas que passeiam com seus cães e crianças da redondeza, porém a maioria destas formas de uso do espaço são formas diurnas, pois como outros espaços que viraram nichos sociais de segregação esse espaço também utilizado como pontos de droga e de encontros homoafetivos.

Porém, o espaço público não tem a função de espaço de segregação nem marginalização e deveria sim ter a função de acolher e trazer a interação dos mais variados grupos. As pessoas que moram nos limites do parque, e também as que moram próximas, caracterizam o parque como ponto de encontro e de conversa como em pequenas cidades do interior, e há também as que não o utilizam, em decorrência do medo.

Outra forma de ocupação é a ocupação religiosa, que é composta pelas mais variadas vertentes como espírita, católica, evangélicas e religiões de matriz africana, porém não são permitidos rituais que poluam e degradam o meio ambiente.

A dinâmica do Jardim Botânico em relação aos outros muda devido sua própria estrutura e também suas formas de ocupação, pois muitos na redondeza não olham de forma amistosa para muitos dos seus frequentadores, o que acirra essa disputa por território.

Ao visitar o parque também pode-se observar o descaso do poder público em relação à áreas verdes de outras regiões mais valorizadas, pois tanto em relação à organização quanto a manutenção, as vezes não se faz tão intensiva quanto nas regiões elitizadas. Em visita o Bosque

dos Buritis pode-se observar que este por ter maior visibilidade, até mesmo por sua localização, e ficar em área com maior valor imobiliário, recebe maiores cuidados. Esse abandono é percebido por muitos que ali frequentam, embora, sejam nítidas as mudanças com relação ao último ano, pois os frequentadores são unânimes em afirmar que “no último ano melhorou muito, por causa da construção da pista de caminhada, e instalação dos equipamentos, as pessoas passaram até a frequentar mais, e antes quase não vinham”. Porém pode-se observar locais abandonados como uma guarita, que é utilizada para consumo de drogas, conforme ilustra a Figura 5.

Figura 5 - Guarita abandonada



Fonte: Elaborada pelo autor (2017).

Outro ponto abordado é o fato de que projetos de revitalização de parques em outras regiões intensificou o processo de expulsão de alguns grupos, de áreas mais nobres, como o Bosque dos Buritis no Setor Oeste, e também do Bosque Botafogo na Vila Nova, devido ao processo de reestruturação do parque Mutirama. Esses redutos eram conhecidos como pontos de ‘pegação’ no meio gay, porém com o processo de reestruturação esses grupos passaram a migrar para o Jardim Botânico a partir de 2008, forçados pelos constantes embates com os vigilantes dos outros parques.

Há uma unanimidade em relação aos frequentadores da área de trilhas da mata, ao dizerem que “há uma frequência muito grande de usuários de drogas, prostituição, e atos libidinosos”, com referência também ao público gay, que frequenta o espaço.

Esses frequentadores eram vistos de forma negativa nas duas áreas anteriores, tanto por moradores quanto por quem trabalhava, ou frequentava os parques, o que intensificou os embates e perseguições a esses frequentadores. Justamente por esse motivo eles passaram a ocupar as áreas menos frequentadas do Jardim Botânico, e mesmo dessa forma os embates persistem o que leva o público gay masculino do local a intensificar a frequência no período da tarde e início da noite.

Há, portanto, uma homogeneidade nesses frequentadores, pois em um dos trabalhos de campo realizado durante a graduação, pôde-se observar que se distribuíam em grupos distintos de acordo com seus interesses de uso do espaço. Eles próprios dizem “não vou na área da mata, pois só tem marginal [...]”, o que demonstra claramente que não querem e nem pretendem interagir com os demais grupos, e com aquele espaço e suas mais diferentes necessidades e apropriações.

Mesmo com o discurso que o parque é um espaço para todos, percebe-se um mal estar em relação a esses grupos que já são oriundos de processo de segregação, e demonstra a contradição entre o espaço público e seus sujeitos.

Os moradores que moram em frente ao parque se reúnem em frente às casas para conversar, o que trás à lembrança as cidades do interior, principalmente nos fins de semana e fins de tarde, que assim conversam sobre os mais variados assuntos e contemplam a variedade botânica e a fauna local que, aliás, é muito rica, de modo podem ser observados até mesmo jacarés na região. Esse grupo utiliza o parque mais de forma contemplativa, pois se sentem como parte desse espaço, e tem por esse lugar um vínculo afetivo que se incorpora à paisagem.

Existe ainda a tentativa de aumentar a ocupação desse espaço, que para alguns ainda é pouco visitado, e com esse objetivo, em 2015, o Parque Jardim Botânico de Goiânia recebeu a comemoração do selo Letra Livre, evento que tinha uma programação gratuita de poesia, música, dança, sarau, performance, e shows, além de promover uma feirinha de livros, e relembrar brincadeiras antigas como peteca, golzinho e bets, tudo isso com a intenção de promover visibilidade ao espaço.

Em 2016 o parque também recebeu outros eventos, dentre eles o Picnik Goiânia, evento que levava feira de produtos autorais, música, *workshops*, e meditação e ainda a promessa de diversão ao ar livre, com suas cestas de piquenique e toalhas quadriculadas.

Porém a ocupação cotidiana, é a que de certa forma, mais causa impactos e movimento ao parque, pois devido a sua localização, esses visitantes sazonais oriundos desses eventos não se tornam frequentadores relevantes para o dia a dia do parque. Os que têm maior relevância são os que têm uma necessidade tanto cotidiana quanto de pertencimento.

No decorrer da pesquisa fica claro que a relação de seus frequentadores e de intimidade principalmente com os moradores que fazem limite com a parte em frente ao lago, é como se fosse uma extensão de seus quintais.

O Jardim Botânico atrai seus frequentadores gradativamente e no último ano em decorrência da implantação de equipamentos para a prática de exercícios físicos em frente a Faculdade Alfredo Nasser, os relatos acerca desses novos frequentadores são unânimes, “no último ano as pessoas estão utilizando mais o parque para a prática de caminhada”.

Em um dos campos realizados por acadêmicos do curso de Geografia ficaram claras questões como a especulação imobiliária, e talvez por isso os trabalhos com a manutenção e a necessidade de dar visibilidade ao Jardim Botânico tem se intensificado ao longo dos últimos anos. Em uma das entrevistas a moradora relata que várias pessoas tem a procurado para comprar sua residência, que se localiza em frente ao primeiro lago, conforme figura 6.

Figura 6: Lago do Jardim Botânico.



Fonte: Elaboradas pelo autor (2017).

Para entender o Jardim Botânico, fica mais fácil analisar, a partir do centro de gerenciamento e manutenção do parque, pois é onde fica o Teatro de Arena, onde se concentram

as famílias nos fins de semana e feriados para piqueniques ou simplesmente para contemplar a beleza do local. Há também pessoas isoladas, que frequentam o parque sem a necessidade de se inserir a um grupo específico. No Teatro de Arena é onde são realizados os eventos, tanto religiosos quanto, culturais. A discussão acerca do motivo pelo qual as famílias se concentram neste local demonstra a nítida ideia de valores patriarcais.

A partir da Avenida Alameda Botafogo, até em frente a Faculdade Alfredo Nasser, é onde os frequentadores utilizam para a prática de exercícios físicos e caminhadas, embora outros transeuntes se utilizem deste espaço, “no vai e vem do dia a dia”.

Na Alameda do Contorno é onde ficam as duas únicas residências da área I, que são resquícios do período em que a área I era povoada, e essa forma de território moradia está em processo de declínio, e prova disso é que essas últimas duas casas estão em processo de reintegração de posse.

A antropização é outro fator que carece de estudos acerca dessa interação tanto cultural, de lazer ou socioeconômica no Jardim Botânico, pois deixa marcas profundas e nítidas na paisagem desse espaço como ilustrado nas imagens a seguir.

Figura 7 - Compactação do solo.



Fonte: Elaborada pelo autor (2017)

Figura 8 - Poluição dos Lagos



Fonte: Elaborada pelo autor (2017).

Figura 9 - Descarte de animais mortos.



Fonte: Elaborada pelo autor (2017).

Nessas imagens pode-se observar como essas atitudes humanas degradam o meio ambiente, com poluição, degradação do solo, poluição visual, dentre outras formas.

Todo esse processo de uso do espaço deixa marcas da ação antrópica do homem, pois essas diferentes formas de ocupação geram muitos impactos e transformações à sua estrutura. Dentre esses impactos pode-se observar tanto os visitantes esporádicos, e pessoas que fazem exercícios físicos que deixam resíduos como garrafas pets, sacos plásticos, restos de comida dentre outros, já os moradores limítrofes ao Jardim Botânico utilizam a área, para descarte de lixo, e de animais mortos, moveis e outros objetos. Na área de trilha os principais impactos são a abertura de trilha na mata, descarte de preservativos e de restos de materiais decorrentes do uso de drogas, e conseqüentemente a compactação do solo, e processos erosivos oriundos do pisoteio da camada vegetal que protege o solo.

SOCIOBIODIVERSIDADE: pesquisa, educação e lazer

Um dos pontos que é observado é o fato dos moradores acostumados com os sabores do Cerrado, coletar e consumir os frutos das diversas árvores do Jardim Botânico. Mostram assim, que é possível o uso sociocultural do parque, devido ao conhecimento de alguns moradores que utilizam também plantas, raízes, e sementes na forma de medicina popular para os mais variados males. É necessário ressaltar que esses produtos da biodiversidade, não são usados de forma comercial e sim como elemento de relação de alguns moradores com sua rica flora. Nos últimos tempos o discurso acerca da sustentabilidade aumentou e com isso surgem vários paradigmas, como por exemplo, como utilizar uma área como a do Jardim Botânico. Para Oliveira (2005),

Conforme a lógica capitalista, a apropriação da natureza volta-se para o lucro e não para as reais necessidades de interesse geral, tornando-se constante a necessidade de apropriação e exploração da natureza, pois desta forma aumenta-se o lucro. Assim, a sustentabilidade enquanto paradigma de desenvolvimento torna-se uma ideologia, que mascara a intenção de dominação dos países desenvolvidos sobre os demais numa manobra de gestão dos recursos naturais, e, do mesmo modo, reproduzem o capitalismo com intuito de consolidá-lo globalmente para o controle da natureza-recurso, (OLIVEIRA, 2005).

O autor chama a atenção ao fato da lógica capitalista dar prioridade ao lucro, enquanto os interesses gerais e os recursos naturais ficam em segundo plano.

O que outrora representava apenas memória viva e de vida, hoje, são utilizados como produtos mercadológicos, dentro da lógica do mercado que minimiza os sentidos dos lugares, resumindo-os a simples produto ou imagem para o consumo (PELÁ, CHAVEIRO, 2010).

Os moradores já utilizavam a área e suas plantas, como local de coleta tanto para uso alimentar quanto para o uso da medicina popular, e hoje sentem que não é mais possível devido à fiscalização que proíbe tais práticas, alegando os impactos ambientais, o que leva a perda dos saberes populares.

Com o intuito de minimizar esses problemas foi implantado o Horto Medicinal do Jardim Botânico, que busca a interação entre a comunidade e o Jardim Botânico, e contribui para a valorização e desenvolvimentos dos saberes populares.

É necessário considerar também a relação da cidade com o parque, a pesquisa e seu uso como instrumento de educação, tendo em vista que a Faculdade Alfredo Nasser é limítrofe ao parque, o que facilita esse uso pela instituição e a escola que funciona durante o dia, e as outras faculdades que também a utilizam para os mesmos fins, conforme se verifica na figura 10.

Figura 10 - Faculdade Alfredo Nasser.



Fonte: Elaboradas pelo autor (2017).

Recentemente, em comemoração ao Dia Mundial da Água, o prefeito Iris Rezende visitou Jardim Botânico e foi recebido professor Alcides Rodrigues para verificar as ações e projetos desenvolvidos no local por meio de um Termo de Cooperação Técnica entre a Prefeitura de Goiânia e a Faculdade Alfredo Nasser.

O Termo de Cooperação Técnico prevê o desenvolvimento e a implantação de equipamentos voltados à visitação pública, o que propicia lazer e práticas esportivas, áreas para piquenique, parque infantil e biblioteca especializada.

Figura 11: Aparelhos para prática de exercícios.



Fonte: Elaborada pelo autor (2017).

Com isso percebe-se uma intenção do poder público em dar visibilidade a este espaço, o que de certa forma, aumenta a complexidade da territorialidade deste espaço.

A Faculdade Alfredo Nasser de certa forma é a maior causadora de mudança geográfica, na área do Jardim Botânico nos últimos anos, pois com ela a região ganhou visibilidade, despertou o interesse imobiliário da região, e ressignificou o modelo de vida do entorno.

Todavia o objeto existe geograficamente em um lugar e, no momento em que nele se instala ganha outra certidão de idade. O fato da inserção em um determinado meio é diferente do fato de existir de forma absoluta como possibilidade de geografização (Santos, 2004).

É importante salientar que dentro do Termo de Cooperação, existe o projeto “Estação Alfredo Nasser: Arboretos do Jardim Botânico” que é a coleção de plantas vivas e espécies principalmente do Cerrado e de outros biomas brasileiros, o que valoriza a flora local e regional do Cerrado brasileiro, e também outros biomas estrangeiros como Tundra, Campos, Desertos, dentre outros, e que vai ocupar a área entre a Av. Bela Vista, Al. Do Contorno, Av. do Botafogo e R. 1042. A ideia é ser inserida nos locais já antropizados pelas famílias relocadas que antes ocupavam a área, tanto na área I quanto na área II.

Essa implantação visa elevar a categoria do Jardim Botânico de “B”, para “A”, que é quando atinge vários critérios, como apoio administrativo, quadro técnico-científico, serviço de vigilância e jardinagem, área de produção de mudas dentre outros critérios.

Deste modo, na Faculdade Alfredo Nasser, se estruturarão os espaços que visam atividades de educação ambiental e de pesquisas que serão desenvolvidas conveniadas com o Jardim Botânico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir desta pesquisa, a visão com relação ao Jardim Botânico Amália Hermano Teixeira, que antes era de um olhar simplesmente contemplativo, assim como o das outras pessoas, que de alguma forma se relacionam com o parque, tinham sempre os mesmos objetivos e intenções, mudou, pois foi possível perceber o quão complexo é a relação humana com os espaços públicos, que cria novos arranjos e as reinventa constantemente essas. Outro fator são os conflitos que de alguma forma são amenizados.

A fragmentação destes múltiplos territórios é algo que mostra a importância de se entender as relações humanas quando se existe respeito, pois embora esses grupos tenham as mais variadas necessidades de interagir com esse espaço, os territórios são respeitados.

Com essa análise interpretativa, as tensões existem, porém não é o eixo principal que movimenta o modelo de ocupação espacial, e sim as relações humanas, e seus mais distintos

anseios. Os elementos que compõem essas relações multiplicam a complexidade de se entender a totalidade.

Seus frequentadores também buscam, de algum forma, se reconectar com sua natureza, pois com a globalização as relações tecnológicas, estas se afastam do meio natural e rompe com o modelo de vida que existia outrora, e nessa busca mesmo que de forma coletiva ocorre essa invasão humana aos parques e espaços públicos, pois muitas vezes é o mais próximo que se pode chegar do meio natural nos dias de atuais.

O fato de ficar em uma zona de conturbação entre Goiânia e Aparecida de Goiânia faz com que sofra também a influência dos dois municípios o que enriquece essa complexidade, pois devido a essas influências o espaço se torna ponto de interações de pessoas oriundas dos dois municípios. Prova disso é a Faculdade Alfredo Nasser, que devido a sua situação limítrofe ao Jardim Botânico, atende alunos tanto de Goiânia quanto de Aparecida de Goiânia, e desta forma faz com que o espaço ganhe visibilidade, pois devido ao fato de não se localizar em regiões centrais às vezes passa despercebido. Hoje, portanto, a instituição se torna o principal agente de transformação daquela região.

Porém nesse pequeno fragmento de Cerrado que agoniza na metrópole, pequenos grupos com os mais diferentes interesses, reorganiza os múltiplos territórios existentes em seu âmago, dando novas contradições, quebrando velhos paradigmas, que permeiam os grandes centros urbanos.

THE MULTIPLE-TERRITORIALITIES OF THE AMÁLIA HERMANO TEIXEIRA BOTANICAL GARDEN

Abstract: This article has as objective, besides to present the different faces of the territoriality inside the Botanical Garden Amália Hermano Teixeira, and its multiples ways of use, and the appropriation of that space and its cultural diversity and space of power. Therefore, it understands its importance as a habitat of nature in the urban environment, and its relevance in the contemporary urban environment.

Keywords: Urban Environment. Territoriality. Botanical Garden.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Thiago. Iris **Rezende vistoria projetos de preservação ambiental no Jardim Botânico.** Disponível em: <<http://www4.goiania.go.gov.br/portal/pagina/?pagina=noticias&s=1&tt=not&cd=12079&fn=true>> Acesso em 08 de Abril de 2017.
- HAESBAERT Rogério. **Dos Múltiplos Territórios a Multiterritorialidade.** Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/petgea/Artigo/rh.pdf>> Acesso em 07 de Abril de 2017.
- MAIS, Curta. Música, poesia e brincadeiras no Jardim Botânico em Goiânia. Disponível em: <<http://www.curtamais.com.br/goiania/musica-poesia-e-brincadeiras-no-jardim-botanico-em-goiania>> Acesso em 07 de Abril de 2017
- OLIVEIRA Leandro Dias de. **A Ideologia do Desenvolvimento Sustentável:** notas para reflexão. In: Revista Tamoios. Julho / Dezembro 2005, Ano II, nº 02.
- PELÁ, Márcia Cristina Hizim; CHAVEIRO, Eguimar Felício. **Uma interpretação sócio espacial:** Praça Universitária Goiânia-GO – Brasil. Disponível em: <http://egal2009.easyplanners.info/area05/5426_pela_marcia.pdf> Acesso em 07 de Abril de 2016.
- PELÀ, Márcia Cristina Hizim; CHAVEIRO, Eguimar Felício. **Um olhar geográfico sobre a Praça Universitária em Goiânia - GO:** história, processo e múltiplas territorialidades. In: Anais XVI Encontro Nacional dos Geógrafos- Crise, práxis e autonomia: Espaços de resistência e de esperança. Porto Alegre, 2010.
- RIZZO, José Ângelo. **Jardim Botânico de Goiânia: histórico e importância.** Disponível em: <<https://www.uc.ufg.br/n/29364-jardim-botanico-de-goiania-historico-e-importancia>> Acesso em: 09 de Abril de 2017.
- SANTOS, Milton (1988), Pág 26. **Metamorfoses do Espaço Habitado:** Fundamentos Teóricos e Metodológicos da Geografia. Hucitec. São Paulo 1988.
- SILVA, J.A. **Direito Ambiental Constitucional.** São Paulo. Malheiros Editores, 1974.
- SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço.** Edusp. São Paulo, 2004.